

Os três flagelos da economia brasileira

UMA redução de 40% nos compromissos de pagamento do serviço da dívida externa — ou seja, menos US\$ 5 bilhões anuais a remeter ao exterior — pode permitir ao país alguma tolerância para com as importações, especialmente matérias-primas industriais e certos bens de capital que não possamos fabricar.

As conseqüências dessa opção, segundo expôs ontem um economista integrado na nova equipe governamental se fariam sentir não apenas na taxa de desenvolvimento, como também na taxa inflacionária:

1. Quanto à taxa de crescimento da economia, é fácil perceber que o aporte das importações, desde que adequadamente selecionadas de modo a que funcionem como estimuladoras e não concorrentes da produção nacional, poderá funcionar como fator de aceleração da produção industrial e até das exportações.

2. Quanto à taxa de inflação, há um cálculo elementar. Se o balanço de pagamentos do Brasil, que hoje é equilibrado, passar a ter um déficit de US\$ 5 bilhões, isto significará, no câmbio oficial de hoje, cerca de Cr\$ 35 trilhões a menos injetados na economia — uma formidável contribuição na direção do equilíbrio orçamentário.



O inconveniente visível desta solução é que o país estará acrescentando US\$ 5 bilhões ao montante de sua dívida externa cada ano. Argumenta-se, no entanto, que, ao proceder assim, o País estará fortalecendo sua estrutura e obtendo condições de pagar mais adiante não só esta parcela adicional de dívida, como também a dívida inteira.

Vamos por partes, disse o informante, hoje o país enfrenta três flagelos: a economia esfacelada, a inflação e o pagamento da dívida. Vamos escalonar os problemas: resolvemos antes o ritmo de atividade e a inflação — e depois pagamos a dívida.